

WEIMAR TORRES: POLÍTICO, ESCRITOR E PROPRIETÁRIO DO JORNAL *O PROGRESSO*

Adriana Viana PEREIRA¹

Paulo BUNGART NETO²

Resumo: O presente artigo apresentará um recorte da pesquisa de dissertação, defendida no Programa de Pós-Graduação (Mestrado) em Letras da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), intitulada *A circulação de textos literários no jornal O Progresso: décadas de 1950 a 1980*, que teve por objetivo analisar e interpretar textos literários dos escritores Weimar Torres, José Pereira Lins e Armando da Silva Carmello publicados no jornal *O Progresso*, em Dourados-MS, entre as décadas de 1950 e 1980. Optou-se por selecionar os escritores que participaram mais efetivamente nas colunas do jornal e contribuíram para a consolidação de práticas de leitura. Diante dos diversos textos arquivados de Weimar Torres, selecionamos, para este artigo, os que estão mais diretamente ligados com a sua personalidade de poeta, proprietário e político.

Palavras-chave: Manifestações literárias, Weimar Torres, *O Progresso*.

INTRODUÇÃO

Weimar Torres nasceu em 1922, na cidade de Ponta Porã-MS (na época, MT). Filho de José dos Passos Rangel Torres e Dionísia Torres, formou-se em Ciências e Letras no Ginásio Municipal Dom Bosco, em Campo Grande-MS, e em advocacia no ano de 1947, no Rio de Janeiro. O escritor se instalou em Dourados em 1948 e se tornou o primeiro advogado da cidade. Com o falecimento de seu pai, diretor e proprietário do jornal *O Progresso*, em Ponta Porã, Weimar transferiu a tipografia para Dourados em 1951, sendo o segundo meio jornalístico implantado na cidade. No mesmo ano casou-se com Adiles do Amaral, com quem teve duas filhas e um filho, falecido ainda criança. Quanto à carreira política, foi eleito várias vezes vereador, ocupou importantes cargos na comunidade douradense como, por exemplo, sendo um dos fundadores do Rotary Clube de Dourados, participante do Lions Clube, Promotor de Justiça e diretor da Rádio Clube de Dourados. Em 1966, conseguiu realizar sua aspiração máxima, elegendo-se Deputado Federal. O escritor e deputado foi vítima de um acidente aéreo em 1969, quando regressava para Brasília, onde residia na época com a família.

Nas pesquisas realizadas no Centro de Documentação Regional (CDR) da UFGD, foi possível escanear folhas avulsas emitidas pela Governadoria do Distrito L-12, nas quais se datilografou uma nota de falecimento do Deputado Federal Weimar Torres e, posteriormente, uma biografia como forma de homenagem póstuma. A nota de falecimento foi escrita pelo Secretário-Tesoureiro Theotônio Alves de Almeida no dia 22 de setembro de 1969. Vejamos um trecho:

Cumprimos, hoje, o triste e inesperado dever de levar até aos companheiros, a notícia do desaparecimento do nosso companheiro e amigo o Dr. Weimar Gonçalves Torres, Deputado Federal, pelo estado de Mato Grosso, falecido na hecatombe aérea, do dia 14 de setembro de 1969, na cidade de Londrina, Estado do Paraná (NOTA DE FALECIMENTO, 1969).

¹ Mestre em Letras (área: Literatura e Práticas Culturais) pela Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD. E-mail: adry.viana@hotmail.com.

² Professor Doutor. Docente do curso de Graduação e Pós-Graduação em Letras (Literatura e Práticas Culturais) da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). E-mail: pauloneto@ufgd.edu.br.

No dia 19 de setembro de 1969 já havia sido publicada uma nota de quatro laudas, contendo informações sobre a biografia do escritor, com o seguinte título: “Traços Biográficos do saudoso Deputado Federal, Cl. Dr. Weimar Gonçalves Torres”, apresentando-se as conquistas da vida pessoal e profissional do poeta até o momento de sua morte. Torres ingressou no Partido Social Democrático em 1945, quando ainda era estudante, e prosseguiu lutando para alcançar sucesso na carreira política. Em 1950, elegeu-se Vereador pela Câmara Municipal de Dourados e, em 1954, foi reeleito. Considerado líder da oposição, o político passou a residir em Cuiabá-MT com sua família. Organizou com alguns amigos o jornal “A Tribuna Liberal”, que circulou semanalmente na capital do Mato Grosso até 1968.

AS PRODUÇÕES POÉTICAS DE WEIMAR TORRES

A nota citada na Introdução enfatiza que Weimar Torres se elegeu Deputado Federal em 1966, tendo participado de mudanças nos níveis federal e municipal e cumprido suas responsabilidades:

Foi em 1966 que conseguiu realizar a aspiração máxima de sua vida pública, elegendose Deputado Federal. Pertencia a Comissão de Finanças da Câmara Federal, era um deputado assíduo e consciente de suas responsabilidades. Ali cumpriu sempre com o seu dever, colocando a consciência e a Pátria acima de tudo. Colocou grandes dotações nos orçamentos da República para a Casa da Criança Desamparada de Dourados, instituição idealizada por êle como membro do Lions Clube cujas obras estão já em grande fase de adiantamento, que Weimar desejava, ardentemente, ver funcionando, porque o problema da Assistência Social era a sua grande e diuturna preocupação (NOTA DE FALECIMENTO, 1969).

Weimar Torres constitui uma personalidade importante para a consolidação de práticas de leitura no município de Dourados, tanto pela editoração do jornal quanto por sua dedicação à literatura. Embora tenha falecido aos 46 anos, as suas produções poéticas (dois volumes datilografados e corrigidos à caneta) geraram a obra póstuma *Meus Versos*³, e alguns textos publicados no jornal *O Progresso*, os quais permitem observar como seus anos de existência foram vividos com intensidade. Em seus registros, tem-se a imagem de um homem que foi político, empresário, leitor, escritor e incentivador de práticas de leitura.

Tendo como foco as encadernações do jornal *O Progresso*, pode-se considerar a editoração como uma fonte de pesquisa muito rica para a região, pois registra várias informações sobre o crescimento regional, intelectual e cultural de Dourados. É importante observar que o objetivo da editoração não era de arquivar os documentos, mas sim a expansão de informações. Com o passar das décadas, as edições que foram armazenadas em encadernações tornaram-se arquivos históricos para a realização de pesquisas sobre a região.

De acordo com José Domingos de Brito (2007), em *Literatura e jornalismo*, o homem sempre tem informações a transmitir, cria e recria a realidade simbolicamente: “A contribuição simbólica é ampla, engloba a linguagem, a arte, o mito, a religião, a filosofia e a ciência. Ao usar os símbolos,

³Com a grande repercussão e procura pela obra póstuma, Adiles do Amaral, após 42 anos da primeira publicação, tomou a iniciativa de publicar a segunda edição em 2012. Para realizar as devidas análises e citações, optamos por consultar a segunda edição da obra.

o homem pode exprimir intenções, significado, desejos e, portanto, adquire o poder de alterar as formas de vida social” (BRITO, 2007, p. 11).

Weimar Torres tornou-se um homem de influência na região e seus “esboços poéticos”, apesar de serem considerados “inocentes” pelo próprio escritor, são manifestações que exprimem seus sentimentos mais íntimos. E, como afirma Candido (1967), a literatura é coletiva a partir do momento em que transparece e dialoga através das imagens e palavras, sentimentos comuns a todos: “Toda obra é pessoal, única e insubstituível, na medida em que brota de uma confiança, um esforço de pensamento, um assomo de intuição, tornando-se uma ‘expressão’ ” (CANDIDO, 1967, p. 139).

No prefácio da obra *Meus Versos* (2012), Elpídio Reis faz uma homenagem ao seu amigo de infância, o escritor mato-grossense (hoje sul-mato-grossense) que se declara sentimental e de grande bagagem poética, porém, que não teve a oportunidade nem tempo de ver as suas criações impressas em livro:

Weimar Torres, como poeta, era um sonhador que conversava com as estrêlas e, ao mesmo tempo, excelente intérprete dos anseios humanos. Sua poesia cresceu mais que sua pessoa, como homenagem; ganhou planícies verdejantes de nosso Estado [...]. Sua poesia nos deixa impregnados de uma doce saudade, fica soando e ressoando para sempre em nossos ouvidos, como uma lembrança imortal a convidar-nos para jornadas poéticas de onde se divisam as mais belas paisagens do mundo, se ouvem as mais inesquecíveis melodias e de onde, sobretudo, se vê o universo multicolor e sem pecados que os poetas gostariam que existisse (TORRES, 2012, p. 16).

De acordo com as observações e análises das encadernações do jornal nas décadas de 1950 a 1980, percebe-se um grande número de poemas, crônicas e outros textos em prosa escritos por Weimar Torres. Os poemas foram publicados, principalmente, na década de 1970, ou seja, após um ano da morte do escritor ainda selecionavam-se as suas produções para publicação. Na nota publicada em 29 de agosto de 1970, o diretor anuncia a breve publicação de *Meus Versos*, e que todo o dinheiro arrecadado seria doado para a Casa da Criança Desamparada de Dourados, instituição que nasceu do espírito humanitário de Torres.

A maioria dos poemas publicados no jornal *O Progresso* data do período em que o escritor ainda estava no Rio de Janeiro cursando advocacia, como, por exemplo: “Sorriso” (1939); “A volta” (1940); “Sou estudante” (1941); “Angústia Universal” (1941); “Cromo” (1942); “Juventude” (1945); e “Palmeira” (1945), que foram publicados, em 1970, no jornal e, como vimos, posteriormente no volume *Meus versos*. Muitas colunas, como “Mergulho no Encantamento”; “O remédio heroico”; “Ânimo”; e “Onze anos de lutas”, dentre outras, sendo que a maioria não apresenta data de elaboração, foram transcritas de edições anteriores nos anos de 1970 e 1971.

Nas edições do jornal não encontramos apenas manifestações literárias do escritor, mas também vários comentários sobre a instalação do jornal e a pretensão de registrar com imparcialidade as lutas e os avanços que marcaram a transformação da pequena vila em uma progressiva cidade, “a princesa dos meus olhos”, como dizia o político.

O primeiro volume do jornal *O Progresso* foi publicado no dia 21 de abril de 1951, e apresenta em letras maiúsculas o título, “VERTIGINOSA! A marcha de Dourados para o progresso” e logo abaixo uma legenda sobre a progressiva cidade:

De uma terra inexpressiva e esquecida, passa Dourados a ser uma das regiões mais famosas da pátria, gente de toda parte se instala no município para explorar suas magníficas matas. Mais de 2.400 pessoas chegaram depois do recenseamento. Grandes vendas de terra, cinema, luz elétrica, linha de aviões diários, loteamento em massa, mais e mais casas de comércio, valorização acelerada dos imóveis, cafezais, produção imensa de algodão e cereais, instalação de grandes serrarias, um instantâneo poliformico de uma esplendida realidade (*O Progresso*, 21 de abril de 1951).

É muito expressivo como era descrita a cidade, sempre apontando uma realidade positiva para os leitores, descrição distinta daquela feita na obra *Memória fotográfica de Dourados* (1990), da historiadora Regina Heloisa Targa Moreira, na qual temos a época registrada em forma de fotografias e se percebe que, apesar de promissora, a cidade ainda apresentava muitas precariedades que o político pouco mencionava.

Como um dos primeiros veículos de comunicação, *O Progresso* aborda assuntos diretamente relacionados às questões sociais e econômicas de sua época. Obviamente, como proprietário e político, Torres e outras personalidades ligadas à vida pública procuravam promover notícias e propagandas que valorizassem a cidade e, deste modo, atrair cada vez mais populações de outras regiões.

Onze anos após a instalação do jornal, o proprietário publica uma nota relembrando a primeira manchete - "VERTIGINOSA! A marcha de Dourados para o progresso" - e o fato de que, na época, as tiragens apresentavam apenas seis páginas por exemplar. Torres salienta que o crescimento e as melhorias da editoração só foram possíveis através das experiências e das dificuldades sofridas durante esses anos. A coluna foi transcrita novamente em 1970:

Nosso pequeno jornal cresceu junto com a cidade. Aumentou duas vezes de formato e tem hoje oficinas próprias, em prédio próprio nas melhores instalações de um jornal em todo o Mato Grosso. Os colaboradores mudaram. Os assuntos são outros. Outras máquinas. Outra redação. Apenas, o diretor é o mesmo. Um pouco mais velho, é verdade. Um pouco mais rico. Um pouco mais triste. Mas, traz, ainda, no coração o ideal aceso pelo exemplo de um pai que amava a Liberdade, cultuava o direito e venerava a justiça (*O Progresso*, 24 de abril de 1970).

O escritor nunca deixou de salientar em suas colunas a memória de seu pai, já que este foi um grande incentivador da criação de um jornal que levasse aos leitores não apenas as notícias diárias, mas a oportunidade de entretenimento e o conhecimento de vários outros assuntos. Na coluna intitulada "Revivência", Torres faz uma breve homenagem ao seu pai Rangel Torres, que faleceu aos sessenta anos, e relembra os sonhos de um homem ambicioso e que tinha intenções de contribuir com a civilização de Ponta Porã, e de levar aos moradores informações diversas, principalmente, a história das lutas e conquistas que contribuíram para a fundação dessa cidade. Torres parecia se sentir honrado em dar continuidade aos objetivos de seu pai, só que agora na cidade de Dourados:

É com a emoção dessas lembranças que hoje, em Dourados, lanço a público este jornal. Si esta terra, como aquela marcha agora, em passos largos para um futuro radiante, Deus permita que, neste milagre de revivência "O PROGRESSO" de Dourados possa cumprir o seu destino como o cumpriu em "O PROGRESSO" de Ponta Porã (*O Progresso*, 21 de abril de 1951).

Diante das diversas colunas fica claro o imenso respeito e carinho que Torres demonstra pelo pai. No poema "Então, Meu pai, nunca mais! Então meu pai - até mais...", publicado no jornal em 1971, o poeta expressa sua dor e angústia ao saber que nunca mais veria seu pai novamente. Sempre se despedia dele sabendo que logo o encontraria, porém, da última vez foi diferente: "Eu

Linguagem, São Carlos, v.23 (1): 2015.

me afastava tranquilo, / Tão certo como ninguém / De que lá quando regressasse / Tu lá estarias também. / Dessa vez foi diferente / Nem me quizesstes sorrir! / Fechaste os olhos cansados / Para não mais os abrir...” (O Progresso, 21 abril de 1971). O que mais intriga nesse poema é a data de sua publicação, 1971. O que pressupomos é que o diretor do jornal escolheu as próprias palavras do escritor para expressar o sofrimento da família e dos amigos que o perderam de forma tão trágica.

A escrita, como defende Jacques Le Goff (2003), permite ao sujeito registrar momentos memoráveis de um tempo presente. O armazenamento dessas memórias possibilita a comunicação através do tempo e do espaço. Weimar Torres, ao criar seus dois cadernos de anotações, intitulados respectivamente *Coração de estudante* e *Juventude*, inscreveu experiências e sentimentos de um determinado momento.

Como observam os estudiosos Paul Ricoeur, Ecléa Bosi e Maurice Halbwachs, dentre outros teóricos, a memória individual está relacionada às vivências próprias de um indivíduo, porém, essas lembranças apresentam também aspectos da memória do grupo social onde ele se socializou. Para Halbwachs (2003), os fatos exteriores influenciam diretamente nas nossas lembranças individuais. E é através da memória individual e coletiva que a história toma a sua forma.

As produções do caderno *Coração de estudante* datam da época em que o escritor estava cursando Advocacia no Rio de Janeiro, durante a década de 1940. Pode-se perceber, através dos poemas, as angústias, desejos e saudades que perturbam um jovem estudante. Após sete décadas destes registros literários, é possível analisar historicamente as manifestações e as influências de um determinado período: “Um acontecimento só toma lugar na série dos fatos históricos algum tempo depois de ocorrido. Portanto, somente bem mais tarde é que podemos associar as diversas fases da nossa vida aos acontecimentos nacionais” (HALBWACHS, 2003, p. 75).

No prefácio do caderno *Coração de Estudante*, Torres revela o início de suas inspirações, ocorrido aos 17 anos, registrando as ilusões e empolgações vividas por um adolescente romântico e patriótico. Logo no início do prefácio ele explica o título do caderno:

Coração de estudante - foi o nome com que batizei este livro, este meu pobre livro - catecismo do meu coração e meu evangelho de amor... (...) Coração de estudante - é um coração de adolescente a palpitar com a maior punjança que a vida pôde dar! (...) Coração de estudante - é um tabernáculo de flores e de espinhos pois é a custódia favorita da grande hostia, da sacrossanta partícula do amor (*Coração de estudante*, 1941, p. 5).

No artigo intitulado “Histórias de leitura de um deputado federal: o poeta Weimar Torres” (2010), analisou-se a materialidade e a construção poética de ambos os cadernos de anotações. Em *Coração de estudante* se lê:

O *Coração de Estudante* possui características de um pequeno livro de capa dura marrom, cujo está escrito “Coração” a dedo com tinta branca. Na contracapa apresenta uma colagem de dois jovens apaixonados e um poema de sua autoria cujo tema é “Sublime Mendiga”. No geral, o caderno está em decomposição por motivos do tempo e pela má conservação apresentando 101 páginas. Os poemas estão na maioria datilografados e outros escritos a lápis ou caneta. Pode-se perceber na 5ª página uma pequena foto de Weimar aos 17 anos e logo abaixo sua assinatura com a data de 1941 e ao lado uma outra assinatura com a data de 1963, tal observação faz pressupor que o poeta escreveu seus versos há algum tempo atrás e só depois de muitos anos voltou a analisá-los na intenção de publicá-los (PEREIRA e PINHEIRO, 2010, p. 9).

O poema “Sublime Mendiga” foi impresso em uma folha branca, recortada e colada na contracapa. Logo abaixo do poema, Torres especifica sua origem: “Rio, abril de 41. (Do livro a sair “Coração Estudante”)”. Ou seja, o autor tinha a intenção de incluí-lo em uma futura publicação. “Sublime Mendiga” foi publicado em *Meus Versos*, porém com o título alterado para “Mendiga”.

Ao analisar os cadernos de anotações *Coração de estudante* e *Juventude* percebemos que Weimar Torres não considerava seus poemas dignos de publicação, isso pode explicar o fato de nunca ter publicado nenhum livro em vida. De acordo com as anotações presentes nos cadernos, após vinte anos, Torres faz correções e exclui diversos poemas escritos na década de 1940. Portanto, através das características e anotações pertinentes nos dois cadernos, pressupõe-se que estes foram um esboço para uma futura publicação. Na última página do caderno *Coração de Estudante*, o poeta questiona a importância de seus textos e os considera inocentes, já que muitos deles foram escritos na adolescência:

Escrever um livro? – Só depois de ter lido todos os que já estão escritos. (...) Muitos anos depois de ter escrito estes primeiros versos, leio-os e me sinto um pouco encabulado diante de tanta pieguice e inocência que, então, povoavam meus versos. Mas, o que fazer? Rasgá-los? Queimá-los? (*Coração de Estudante*, 1941, p. 102).

O caderno *Juventude* está dividido em 85 páginas datilografadas. Ao lado dos poemas, há várias marcas de correções e alterações, sendo assim, estas marcações simbolizam as escolhas dos poemas para a publicação, ao que tudo indica, feitas pelo próprio escritor:

O caderno parece estar pronto para uma futura publicação, sua conservação física se encontra em bom estado. Na quarta página escreveu a caneta o poema “Juventude”. A dedicatória é destinada a si mesmo: “À mim mesmo, ao meu romantismo incurável, à minha mocidade de ouro. Rio de Janeiro, 1944”. Tal dedicatória não foi mencionada no livro póstumo. Ao passar as páginas, encontra-se uma marca de positivo, ou seja, os poemas que foram escolhidos para a publicação (PEREIRA e PINHEIRO, 2010, p. 10).

Torres, em alguns poemas, admite com certa tristeza as suas lembranças da infância e juventude. Para Ecléa Bosi (1994), mesmo que as lembranças pareçam nítidas em nossa mente, elas são apenas reflexos de um passado, no entanto, “não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas idéias, nossos juízos de realidade e de valor” (BOSI, 1994, p. 55). No poema “Ó Infância Adeus Juventude”, o poeta revela a sua ânsia em voltar ao passado por apenas um dia, e reviver os momentos da infância e apreciar as brincadeiras e as paisagens da quadra onde residia com seus pais em Ponta Porã:

[...] Correr de novo cantando / Debaxo dos arvoredos, / Viver de novo essa vida / Daquela quadra querida / Com meus saudosos brinquedos. / De tudo posso esquecer-me, / De tudo posso Olvidar, / Mas não esqueço um instante / Da minha infância distante / Que já não há de voltar (TORRES, 2012, p. 157).

Weimar Torres também revela sua admiração por aspectos regionais, descrevendo as belezas e conquistas do município de Dourados. É importante lembrar que as primeiras obras regionais do modernismo brasileiro surgiram entre 1930 e 1945. Nessa fase de nossa literatura, os escritores se debruçaram sobre as transformações do país, assimilando algumas das características estéticas do romantismo, como a valorização da natureza, o patriotismo e as viagens a terras

desconhecidas. Nas construções poéticas de Torres, podemos perceber as descrições sobre o local, os costumes, os valores, os acontecimentos, as crenças e a descrição do ambiente.

Os escritores regionais expõem e representam as singularidades linguísticas e culturais de uma determinada região geográfica, sempre buscando identificar-se e diferenciar-se do outro. Como salienta Afrânio Coutinho (2004) em *A literatura no Brasil*, cada região exhibe as suas particularidades, as proezas da terra. E, destas manifestações literárias, é possível atestar uma literatura própria do povo brasileiro:

O regionalismo é um conjunto de retalhos que arma o todo nacional. É a variedade que se entremostra na unidade, na identidade de espírito, de sentimentos, de língua, de costumes, de religião. As regiões dão lugar a literaturas isoladas, mas contribuem com suas diferenciações para a homogeneidade da paisagem literária do país (COUTINHO, 2004, p. 237).

Como já mencionado anteriormente, o escritor possui características próprias de um poeta patriota e romântico. Escreveu diversos poemas retratando a sua cidade natal, Ponta Porã, e sobre as belezas da promissora cidade douradense. Ainda de acordo com Coutinho, as produções literárias, para serem consideradas regionais, é preciso não estarem localizadas apenas em uma determinada região, mas dela extrair suas “substâncias reais”. No poema “O milagre douradense”, publicado em *Meus versos* e elaborado em Dourados no ano de 1962, época em que Torres ambicionava a cadeira na Assembleia do Estado de Mato Grosso, ele dialoga com o colono e atribui todas as exuberâncias presentes nestas terras ao sangue derramado pelo herói Antônio João:

Colono, / Se me pergunta, / O porquê dessas matas estupendas / Do esplendor dessa uberdade. / Desse colosso de fertilidade / Que em tantas terras outras não se vê, / Colono, / Se me pergunta / O porquê da majestade milagrosa / Dessa aroeira, dessa peroba, desse ipê, / Se me pergunta, / De tudo isso o porquê, / De tudo isso a razão, / Eu contarei a você: / Foi Deus que esparramou no seio dessas matas / O sangue que jorrou do heroico Antônio João (TORRES, 2012, p. 102).

Como político, Torres menciona em suas produções personalidades que contribuíram de alguma forma para a formação do Estado. O tenente Antônio João Ribeiro ingressou no Exército como soldado voluntário em 1841. Constituiu-se como herói da Guerra da Tríplice Aliança por liderar a defesa da Colônia de Dourados diante do invasor paraguaio.

O poema “Saudação a Getúlio Vargas” também demonstra o interesse do escritor pelos representantes públicos. Torres faz uma homenagem ao ex-presidente Getúlio Vargas, líder civil da Revolução de 1930, presidente do Brasil entre os anos de 1930 e 1945, e de 1951 a 1954. Vargas instalou a ditadura do Estado Novo, criou muitas leis sociais e trabalhistas, tais como a carteira de trabalho, férias remuneradas e o direito ao salário mínimo.

Como expressa o poema, o presidente é a esperança de um futuro melhor para as crianças e para os trabalhadores rurais:

Ó filhas de campanário, / Filhos do grande Brasil, / Neste dia extraordinário, / Exultai os corações! / Crianças, erguei as vozes, / Vossas vozes de cristal, / Cantai as notas vibrantes / Do nosso Hino Imortal. [...] / Larga o gado boiadeiro, / Larga tudo brasileiro, / Larga a roça, lavrador, / Gaúcho, larga o teu laço, / Encilha em prata o teu pingo, / Pois hoje é mais que Domingo, / Ao nosso rincão gentil, / Já chegou Getúlio Vargas / Grande chefe do Brasil! (TORRES, 2012, p. 35).

Além do mais, como já mencionado anteriormente, o presidente promoveu a *Marcha para o Oeste*, que tinha por objetivo ocupar e desenvolver o interior do Brasil implantando Colônias Agrícolas, e, dessa forma, possibilitou a grande expansão populacional e econômica do estado de Mato Grosso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A maioria dos poemas de Torres demonstra a posição política do autor. Como aponta Fernanda Chaves de Andrade, em *Os discursos sobre o progresso: a imprensa de Dourados e região no início da década de 50 do século XX*, a imprensa criou mecanismos como, por exemplo, as propagandas que exaltavam a região com o intuito de contribuir com a obra colonizadora de Getúlio Vargas: “A tentativa de promover um sentimento de coletividade para desenvolver a região economicamente, foi uma representação criada pela imprensa de Dourados e região” (ANDRADE, 2009, p. 99).

De acordo com José Couto Vieira Pontes, o jornal é um modo de apresentar as manifestações literárias de escritores que, muitas vezes, não possuem condições de publicar seus textos em livro, no entanto, é uma estratégia democrática que abre espaço para os mais variados gêneros: “Desde os primeiros movimentos e iniciativas de natureza literária, o jornal desempenhou, em Mato Grosso do Sul, o papel de divulgador e editor dos trabalhos de seus homens de letras” (PONTES, 1981, p. 25).

Assim, como também percebe Ernandes, em *A construção da identidade douradense: 1920 a 1990*, a imprensa opera como geradora dessas manifestações, armazenando as várias opiniões de diferentes culturas e os importantes fatos que marcaram a época:

Fosse com reportagens ou anúncios comerciais, a imprensa e seus responsáveis cumpriam a sua função de divulgar de maneira implícita ou explícita, opiniões, sentimentos e notícias que procuravam formar cidadãos honestos e tentavam moldar uma identidade unificada. Valores burgueses, liberais, corporativistas e reformadores, em face de uma sociedade heterogênea bastante marcada pela diferença (ERNANDES, 2009, p. 66).

Weimar Torres almejava contribuir com as necessárias transformações para o progresso da cidade, o jornal tinha como *slogan* a frase “pensamento e ação por uma vida melhor”, ou seja, com as percepções identitárias presentes nos discursos jornalísticos e memorialísticos da imprensa, além da intenção de formar a opinião pública, Weimar, particularmente, desejava “agir” em favor de uma vida melhor e mais próspera para os moradores.

De acordo com as colunas do jornal, o vereador também declamava poemas em seus comícios. No dia 01 de agosto de 1954 foi publicada uma coluna com o poema “Terra mãe” e logo abaixo uma nota de explicação, “Poema de autoria do vereador Weimar Torres declamado no comício de domingo último, no Barreirão na Colônia Federal” (*O Progresso*, 01 de agosto de 1954). No texto, o autor expõe aos colonos que a terra que eles cultivam deve ser considerada como mãe, e, deste modo, devem cuidar dela, sabendo escolher “bons governantes” para nela atuar: “Terra douradense, / Que é tua mãe bem querida, / Colono de alma sentida / Que és um bravo

eleitor / Escolhe o teu candidato / E dentre todos os nomes, / Para Prefeito: RUY GOMES, O GRANDE TRABALHADOR” (*O Progresso*, 01 de agosto de 1954). O político fomenta através do poema a sua posição e influencia os eleitores a votarem no candidato a prefeito Ruy Gomes.

Pesquisar e analisar as informações sobre o início da formação da cidade de Dourados proporciona compreender como partes desse processo a atuação dos primeiros moradores, a construção da história e identidade da região. Nas edições do jornal encontramos diversas colunas homenageando aqueles que enfrentaram as matas brutas, a escassez de saneamento básico, moradia e estrutura educacional. Como afirma Torres na coluna acima, as lutas pelo avanço e civilização da região tiveram início com os aventureiros desbravadores, os colonos que desmataram as áreas de extensas matas, povoando o patrimônio e criando espaço para o nascimento do município de Dourados. Também devemos lembrar a força e a relutância de homens como Antonio João, que morreu em combate na guerra do Paraguai e os diversos migrantes que trabalharam incessantemente na Colônia Agrícola Municipal de Dourados (CMD).

Na coluna “Pioneiros ó pioneiros”, transcrita de 1951 para 1970, Torres faz seu discurso como político, em que almeja uma cidade progressista com a circulação de carros, construção de casas novas e o fim da pobreza, porém, o político ressalta os nossos pioneiros, dos quais não podemos esquecer que a luta pelo progresso iniciou-se por eles e que, no entanto, não presenciaram as significativas mudanças que ocorreram com o passar dos anos:

Sim onde estarão os últimos pioneiros daquele punhado de bravos que abriu neste sertão, há 40 ou 50 anos, a primeira morada, que plantou neste prodígio de terra a primeira lavoura, que rasgou a primeira picada e aqui lançou a semente milagrosa de uma grande cidade? Não nos esqueçamos dos pioneiros! (*O Progresso*, 1 de abril de 1970).

Segundo Abreu (1998), para tratar a memória de uma cidade não devemos ficar presos apenas às singularidades, deve-se trabalhar na recuperação simultânea da história, ou seja, os dados registrados, os costumes e as memórias da comunidade. Temos a pretensão de construir hipóteses de um passado de escritores que já não se encontram presentes, portanto, para a realização de um trabalho coerente devemos observar em que espaço esses escritores produziram seus textos, analisar todos os processos sociais, temporários e hierárquicos que fizeram parte de um lugar, além de fatores globais que influíram no cotidiano do grupo.

Como retrata Ernandes, a identidade é construída por meio de símbolos que representam certa importância para determinada sociedade como, por exemplo, a história, os heróis, os monumentos, as tradições, os costumes, etc. Para se construir uma história coerente e homogênea, em que todas as culturas possam ser lembradas e valorizadas em Dourados, diversos pontos foram criados na tentativa de contemplar as diferenças culturais existentes.

O município apresenta, atualmente, em diversos espaços do meio urbano, monumentos homenageando os nossos colonos como, por exemplo, a estátua de Antonio João, do Presidente Getúlio Vargas, do Ervateiro, dentre outros. Construções como a Praça Paraguaia e a Praça Antonio João, o Clube Nipônico, a Casa Paraguaia e a Nordestina, que pretendiam unir os descendentes, além de tornar mais “amigável” a convivência com a comunidade douradense. Também podemos encontrar diversas obras que retratam a história da cidade e da região, na qual buscamos constantemente novas informações sobre a memória e a identidade douradenses.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Mauricio de Almeida. Sobre a memória das cidades. In: *Revista Território*, ano III, nº 4, jan./jun. 1998.

AMARILHA, Carlos Magno Mieres. 30 anos de Mato Grosso do Sul: memórias, histórias e umas pendengas. CAVALCANTE, Thiago Leandro Vieira e GONÇALVES, Carlos Barros (orgs.). *VI Semana da História de Dourados: História, memória e produção intelectual*. Dourados: UFGD: APGH, 2009, p. 55- 65.

ANDRADE, Fernanda Chaves de. Os discursos sobre o progresso: a imprensa de Dourados e região no início da década de 50 do século XX. In: GONÇALVES, Carlos Barros; CAVALCANTE, Thiago Leandro Vieira (Orgs.). *Anais da VI semana de história de Dourados: história, memória e produção intelectual*. Dourados, MS: UFGD: APGH, 2009.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. *Ciência e cultura*, v.24. n. 9, set. 1972, p.803-809.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *Vários escritos*. 3ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995, p. 235-263.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Ed. Nacional, 1967.

COUTINHO, Afrânio; COUTINHO, Eduardo de Faria (Orgs.). *A Literatura no Brasil*. São Paulo: Global, 2004.

ERNANDES, Mercolis Alexandre. *A construção da identidade douradense: 1920 a 1990*. Dourados: UFGD, 2009.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução Bernardo Leitão. 5ª ed. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2003.

MOREIRA, Regina Heloisa Targa. *Memória fotográfica de Dourados*. Campo Grande, MS: UFMS, 1990.

PEREIRA, Adriana Viana; PINHEIRO, Alexandra Santos. Histórias de leitura de um deputado Federal: o poeta Weimar Torres. São Carlos: Departamento de Letras / Centro de Educação e Ciências Humanas, 2010.

O Progresso. Encadernações do jornal entre 1951 e 1980.

PONTES, José Couto Vieira. *A história da literatura sul-mato-grossense*. São Paulo: Editora do Escritor, 1981.

TORRES, Weimar Gonçalves. *Coração de Estudante* (Caderno de Anotações), 1941.

TORRES, Weimar Gonçalves. *Juventude* (Caderno de Anotações), 1944.

TORRES, Weimar Gonçalves. *Meus Versos*: Edição póstuma dos versos de Weimar Torres. Ed. Alvorada: Campo Grande, 2012.